



**UNILAB**

Universidade da Integração Internacional  
da Lusofonia Afro-Brasileira

**INSTITUTO DE HUMANIDADES - IH  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES - BHU**

**HERMINDO JOÃO WIMPE**

**O PAPEL DA TRADIÇÃO ORAL NA PRESERVAÇÃO DA CULTURA ÉTNICA  
MANDJAKU: A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA TABANCA DE  
TAM, REGIÃO DE CACHEU- GUINÉ-BISSAU**

**REDENÇÃO, CE  
2024**

**HERMINDO JOÃO WIMPE**

**O PAPEL DA TRADIÇÃO ORAL NA PRESERVAÇÃO DA CULTURA ÉTNICA  
MANDJAKU: A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA TABANCA DE  
TAM, REGIÃO DE CACHEU- GUINÉ-BISSAU**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em formato de Projeto, apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, vinculado ao Instituto de Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Luís Tomás Domingos

Redenção, CE  
2024

**HERMINDO JOÃO WIMPE**

**O PAPEL DA TRADIÇÃO ORAL NA PRESERVAÇÃO DA CULTURA ÉTNICA  
MANDJAKU: A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA TABANCA DE  
TAM, REGIÃO DE CACHEU- GUINÉ-BISSAU**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) em formato de Projeto, apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, vinculado ao Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, enquanto requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Humanidades.

Aprovada em 12/07/2024.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Luís, Tomas Domingos (orientador)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria De Fátima Souza Da Silveira  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

---

Prof. Dr. Carlos Subuhana  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Redenção, CE  
2024

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>4</b>
<b>2. JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>6</b>
<b>3. PROBLEMÁTICA DA PESQUISA .....</b>	<b>7</b>
<b>4. HIPÓTESE.....</b>	<b>9</b>
<b>5. OBJETIVOS .....</b>	<b>9</b>
5.1 Objetivo geral.....	9
5.2 Objetivos específicos.....	9
<b>6. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>10</b>
6.1 O lugar da oralidade no continente africano em relação a escrita .....	10
6.2 O comportamento do aprendiz ao longo do Ensino Tradicional Oral .....	19
6.3 O poder da fala e adequação dos termos nos rituais e nas pesquisas .....	21
6.4 A mentira abominada na oralidade: A importância da fala verdadeira na tradição oral	
25	
<b>7. METODOLOGIA.....</b>	<b>29</b>
<b>8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>32</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Em relação as preocupações essenciais das sociedades africanas, que são civilizações principalmente de tradição oral, a escrita nunca ficou no plano primário, pois esse lugar foi sempre ocupado por palavra falada, e a escrita se configura no plano secundário. Existia só um pequeno número de pessoas que sabiam escrever considerando que, as civilizações africanas no Saara e ao sul do deserto eram em grande parte civilizações da palavra falada. A situação não foi diferente em África ocidental onde existia a escrita a partir do século XVI (VANSINA, 2010). Decidi falar da tradição oral em Tam por seguinte motivo: eu sou Mandjaku de Tam, Filho de JOÃO WIMPE, de CADE CORREIA e de MARIA INGICA MENDES.<sup>1</sup> O meu pai foi músico tradicional, ou seja, tocava viola tradicional e cantava muito bem; ele nunca passou por uma escola “moderna”, pois foi um antigo combatente que nunca teve esse privilégio. Sempre à tarde e à noite, depois de sair do trabalho, ele tocava e cantava as músicas cujas linguagem difícil de descodificar. Além disso, teve muitas habilidades ao longo da sua vida. Nosso pai nos contava histórias, que consigo lembrar de muitas até hoje. Eu sou natural de Tabanca de Mato de Cão, Sector de Bambadinca, Região de Bafatá- Guiné-Bissau, mas sempre os meus pais estiveram comigo em Tam, porque somos de lá. A partir daí, comecei a ver e aprender sem analisar como funciona nossa comunidade. Quando cheguei aqui no Brasil, através do curso de Humanidades, principalmente quando li a Tradição Viva de Hamadou Hampaté-Bâ, comecei a pensar sobre como nos ensinam na tabanca, porque quando eu cresci, fiquei muito admirado com a organização social de Tam e a forma como nos transmitem os conhecimentos, mas nunca fiz uma reflexão profunda sobre esse assunto. Conheci as pessoas que nunca passaram pela escola “moderna”, mas tiveram várias habilidosas impressionantes, como de: tocar, cantar, lutar, curar, contar histórias entre outras que hoje exige anos de estudos específicos noutras sociedades para a pessoa estar nessa categoria.

Diante desta complexidade, pretende-se com este projeto, proporcionar uma pesquisa sobre o papel da tradição oral na preservação da cultura étnica Mandjaku no processo de

---

<sup>1</sup> Na cultura dos Mandjakus de Tam, quando o marido tem mais que uma esposa, os filhos pertencem ambas, pois são trocados, ou seja, cada mulher é responsável por cuidando do filho da outra, assim vice-versa.

educação de crianças e adolescentes de Tam, uma tabanca ativa nas práticas culturais, situada no Norte da Guiné-Bissau, Região de Cacheu Sector de Canchungo.

Os problemas que aqui inquietam, são: qual o papel da tradição oral no processo de preservação da cultura étnica Mandjaku de Tam? E como ela contribui para a transmissão da mesma cultura para diferentes crianças e adolescentes de Tam? De forma geral, pretende-se descobrir como a tradição oral contribui para a preservação da cultura da etnia Mandjaku na educação de crianças e adolescentes de Tam.

Em decorrência do objetivo geral da pesquisa, estabeleceu-se objetivos específicos que visam 1) descrever as possíveis contribuições da tradição oral para a preservação da cultura da etnia Mandjaku no processo da educação de crianças e adolescentes de Tam; 2) identificar o padrão que a tradição oral segue para dar a sua contribuição na educação de crianças e adolescentes como meio de transmitir e preservar a cultura da etnia Mandjaku em Tam, e, também, 3) analisar como a oralidade interferiu na formação de crianças e adolescentes, que hoje são adultos substitutos dos antepassados de Tam.

Parte-se da hipótese de que a tradição oral permite uma transmissão fácil e rápida dos costumes étnicos, torna as crianças e adolescentes bem instruídas sobre o que devem ou não fazer, torna-os maduros capazes de ensinar aos outros sobre os mesmos procedimentos ritualísticos e se tornarem juntamente resistentes para enfrentar eventuais mudanças.

Levando em consideração ao que se pretende alcançar, esta pesquisa será de abordagem qualitativa; por procedimentos bibliográficos e de campo; com objetivos exploratório, descritivo e explicativo (explorar em parte, descrever e explicar).

## 2. JUSTIFICATIVA

Escolhemos este tema levando em conta ao nosso grande desejo de estudar e mostrar o quanto a tradição oral é importante para a nossa etnia. Este tema vai nos permitir conhecer profundamente a função da tradição oral em diferentes aspectos educativos e nos permitir, no futuro, entrar na fila dos autores da oralidade sabendo como ela funciona e consegue contribuir no dia a dia de vida da nossa etnia. Temos grande desejo de poder explicar o significado do nome da nossa etnia. As grafias usadas para representar tal nome, não correspondem a pronúncia correta do mesmo, pois a palavra Manjaco não existe na nossa língua, o que existe é Mandjaku, portanto, a nossa etnia chama-se Mandjaku.

Num contexto desta natureza, as verdadeiras histórias dos países colonizados apresentam em comum a interferência dos colonizadores na atribuição dos nomes aos povos colonizados sem antes investigar sobre o mesmo. Podemos ver como exemplo a denominação do índio aplicada confusamente aos povos indígenas da “América”, só pelo facto de que os portugueses pensavam ter chegado a Índia. Mesmo depois de todo esclarecimento pela revisão histórica, a denominação continua em uso (KNOETZE; HAMBIRA, 2018; KIEMA, 2010 *apud* CALDERON E SILVARES, 2020).

Seria grande oportunidade poder explicar melhor o sentido oral da designação Mandjaku dentro do resultado da futura pesquisa.

A sociedade acadêmica precisa de mais informações sobre a tradição oral em África, concretamente da sua contribuição na preservação da cultura da etnia Mandjaku ao longo da educação de crianças e adolescentes de Tam. Para que isso aconteça, é preciso colocar à disposição da academia uma pesquisa detalhada sobre a função da tradição oral para preservação da mesma durante a educação. Assim sendo, a futura pesquisa poderá trazer muitas informações que descrevam de forma detalhada sobre os papeis que a oralidade desempenha ao longo da educação étnica Mandjaku, dando a sua contribuição para campo da educação, tanto da antropologia da educação quanto da sociologia da educação... para pensar a educação.

Além da grande importância que a futura pesquisa mostra ter para nós e para academia, ela também trabalhará para compreender e explicar de melhor forma possível, a contribuição da oralidade para organização da vida humana, partindo da educação fundamental tradicional, que desde muito tempo, serviu como principal meio de consciencialização. Para que a sociedade em geral possa ter uma compreensão sobre o quanto é importante reconhecer a oralidade como

a base da comunicação, é preciso trazer dados práticos oriundos de uma pesquisa dessa natureza.

### **3. PROBLEMÁTICA DA PESQUISA**

Este projeto destina-se a um estudo que será feito na tabanca de Tam, Sector de Canchungo, Região de Cacheu, Norte de Guiné-Bissau, e, terá como foco, entender o papel desempenhado pela tradição oral para preservação da cultura étnica africana, principalmente da etnia Mandjaku de Tam, na Guiné-Bissau.

No âmbito da preservação da mesma cultura na educação de crianças e adolescentes, lembrando que, atualmente, algumas escolas tradicionais ficam com poucos discípulos ou professores que pudessem oferecer condições para o melhor funcionamento enquanto ela uma escola sagrada ou não, com objetivos de transmitir os conhecimentos dos ancestrais e preservá-los nas crianças e adolescentes.

Os Mandjakus de Tam se espalharam por diferentes partes do mundo, devida à procura da vida melhor, muitos optaram por emigrar para Europa, principalmente França e Espanha, enquanto outros se espalharam por diferentes partes do país (Guiné-Bissau) por necessidade de praticarem agricultura e principalmente o plantio de cajueiros. Perante esta situação, estamos em condição de entender que existe, de alguma forma, um problema causando dificuldades na preservação e transmissão dos conhecimentos. Em Tam os conhecimentos são transmitidos de boca em boca e as crianças apreendem através de histórias contadas por mais velhos. Além disso, são criadas músicas, danças e brincadeiras com objetivo de transmitir conhecimentos.

A tradição oral, neste caso, só consegue ter sucesso enquanto veículo usado para transmitir conhecimentos, quando acontece de forma presencial, ativa e exige também a assiduidade. Será que a falta da prática oral dos costumes empobrece a formação tradicional de crianças e adolescentes que nascem e crescem fora de Tam?

Além acima mencionada, tem ainda outras indagações, causadas pela falta da escola do ensino superior em Tam. No caso desta questão, o que acontece é que, em Tam, não existe até este preciso momento escolas de formação profissional e nem superior. Deste modo, muitos jovens interessados pela formação profissional ou superior do ensino moderno acabam por viajar para Bissau (capital do país) para que possam ter acesso ao mesmo ensino. Assim, estes

estudantes só passam no máximo dois meses dentro de Tam gozando de férias e restantes meses de cada ano se encontram em Bissau estudando.

Falando destes estudantes, não podemos esquecer que quando levam muito tempo sem se interagirem com a comunidade de origem, acabam por adotar outros comportamentos e começam a se afastarem da comunidade pouco a pouco e usam mais crioulo do que Mandjaku quando comunicam entre eles. Apesar deste afastamento, continuam respeitando e guardando com eles tudo que aprenderam em Tam quando eram crianças e adolescentes, mas lhes falta tempo e disponibilidade para interagir e passar os mesmos conhecimentos dos ancestrais na medida suficiente para os mais novos. Será que a procura do ensino moderno enfraquece a transmissão oral dos conhecimentos em Tam devido ao deslocamento de vários jovens para estudar?

Retomando a questão dos emigrantes e agricultores, os emigrantes Mandjakus de Tam voltam para Tam só quando são velhos, tem outros que levam até trinta anos na Europa sem visitar a família. Neste caso, estes emigrantes não conseguem interagir com todos os familiares, vizinhos e até a comunidade em geral. Assim, esses acabam por não se ocupar das funções que poderiam ocupar caso estivessem na tabanca e ficam um pouco desatualizados com a realidade e sentem a falta de praticar o que tinham aprendido com os mais velhos devido ao grande afastamento e a falta da prática oral e interação com a comunidade. Alguns emigrantes Mandjakus que tiveram filhos na Europa, embora muitos consigam falar corretamente a língua étnica deles, não conseguem reunir os vocabulários suficientes para os momentos sagrados em que só se pode usar a mesma língua devido à falta de receber os conhecimentos e praticá-los igual aos outros que nasceram e cresceram em Tam.

Os agricultores, por sua vez, acabam construindo outras casas em outras regiões do país para ficarem perto dos campos. Assim, eles voltam a Tam só quando falece um familiar ou para fazer uma cerimónia. Além disso, os filhos acabam também por sentir a falta de algumas questões tradicionais devido a diversidade que enfrentam nos lugares de crescimento e ainda, outros não conseguem falar a língua Mandjaku. Assim, os comportamentos destas crianças acabam sendo totalmente diferentes dos nativos que praticaram costumes oralmente.

Através deste conjunto de situações, pretende-se saber qual o papel da tradição oral no processo de preservação da cultura étnica Mandjaku na educação de crianças e adolescentes de Tam? Será que tem como a tradição oral contribuir para a transmissão da cultura étnica

Mandjaku no processo da educação de crianças e adolescentes de Tam, mesmo quando estes estejam distantes?

#### **4. HIPÓTESE**

A nossa hipótese é a de que a tradição oral contribui para a preservação da cultura Mandjaku, já que permite uma transmissão fácil e rápida dos costumes, torna as crianças e adolescentes bem instruídas sobre o que devem ou não fazer, tornando-os maduros e capazes de ensinar aos outros sobre os mesmos procedimentos ritualísticos.

#### **5. OBJETIVOS**

##### **5.1 Objetivo geral**

- Entender como a tradição oral contribui para a preservação da cultura étnica Mandjaku na educação de crianças e adolescentes de Tam.

##### **5.2 Objetivos específicos**

- Identificar o padrão que a tradição oral segue para dar a sua contribuição na educação de crianças e adolescentes como forma de transmitir e preservar a cultura étnica Mandjaku em Tam;
- Analisar como a oralidade interferiu na formação de crianças e adolescentes que hoje são substitutos dos seus antepassados em Tam.
- Entender os desafios à continuidade dessa tradição oral, já que muitos estão saindo das tabancas.

## **6. REFERENCIAL TEÓRICO**

Quando falamos sobre o papel da tradição oral no processo de preservar a cultura étnica Mandjaku na educação de crianças e adolescentes de Tam, estamos perante um assunto muito complexo, que nos exigirá uma fundamentação teórica esticada para melhor consolidar informações discutindo com diferentes autores sobre o assunto e proporcionar um entendimento geral do trabalho ao leitor. Não se pretende com este trabalho abordar tudo sobre a tradição oral no mundo inteiro, mas vale a pena tocar em certos pontos para melhor consolidar, comparar e contextualizar as informações necessárias. Ao longo desta fundamentação teórica, discutiremos sobre o lugar da oralidade no continente africano em relação a escrita, o comportamento do aprendiz ao longo do ensino tradicional oral, o uso da oralidade na criação e transformação e a abominação da mentira na oralidade- importância de autocontrole.

### **6.1. O lugar da oralidade no continente africano em relação a escrita**

Desde muito tempo que a tradição oral é usada em África e se configurou no primeiro plano como principal meio para transmissão e conservação de conhecimentos de uma geração para outra nas sociedades africanas de civilização oral.

Apesar de sua importância, a oralidade não foi reconhecida por outras civilizações como um dos meios viáveis para tratar de diferentes assuntos sociais de igual forma como a escrita é reconhecida. Em outras nações do mundo, como no caso dos ocidentais, a escrita é mais considerada e ocupa um lugar de destaque, tendo este privilégio em relação a oralidade. Nestas sociedades, o livro constitui o principal veículo da herança cultural, além disso, durante muito tempo, povos sem escrita eram considerados povos sem cultura. Neste caso, refere-se aos povos africanos da tradição oral. Esse conceito levou muito tempo até que começou a ser desmoronado após as duas últimas guerras graças ao enorme trabalho realizado por alguns dos grandes etnólogos do mundo inteiro (BÂ, 2010). Perante esta situação, podemos ver que a tradição oral é muito importante para o povo africano e diversos outros povos, que através dela conseguem conservar as suas culturas.

Segundo o que ensina Vansina (2010), podemos definir a tradição oral como a mensagem que é transmitida de uma geração anterior para outra por meio da oralidade. Isso não significa e nem quer dizer que toda informação verbal corresponde a uma tradição. Entretanto,

a tradição é um testemunho transmitido de uma geração para outra por meio da oralidade (ensinamentos orais).

Há muito tempo que os homens e mulheres contavam histórias antes da invenção da escrita. Dentro das cavernas que eram habitadas ou frequentadas pelos homens, neste caso, os primeiros seres humanos em diversas partes do planeta, deixaram as grandes pinturas que representam os próprios seres humanos, animais e as situações pela qual se passaram. Através dessas pinturas, foram narrados factos e cenas que aconteceram há milhares de anos que hoje em dia, já não são lembrados. Se não conseguimos hoje lembrar e representar completamente esses passados, é porque as crianças silenciaram as vozes há muito tempo (sem passar esse conhecimento através da oralidade. Neste caso, se as mesmas informações fossem passadas pelas crianças como um ensinamento de grande importância, estes conhecimentos nunca seriam esquecidos, porque as mesmas crianças passariam para outras os conhecimentos por meio oral, sucessivamente e, este conhecimento nunca chegaria de dar falta.

Se notarmos bem, vamos constatar que antes da criação da escrita, na Grécia antiga, as aventuras de grande admiração como de heróis Aquiles e Odisseu eram contadas e passadas de geração para geração. Algumas obras que estão na Gênese da literatura ocidental, Odisseia e a Ilíada, tiveram suas raízes na oralidade e foram através dela conservadas por séculos, até quando foram escritos (MAZIERO, 2018). Neste sentido, a oralidade tem as suas funções indispensáveis para as sociedades africanas.

Levando em consideração a esta afirmação, entende-se que os Mandjakus de Tam não são únicos que têm a oralidade como um elemento de grande importância, mas também cada sociedade viveu pelo menos um pouco da oralidade, em que ela é usada de acordo com os meios e os termos também que são obrigatoriamente adequados a cada assunto específico.

Quando pensamos sobre a questão da etimologia das palavras ou termos usados na tradição oral e a sua função para as sociedades africanas, podemos constatar que muitos pesquisadores tentaram buscar o sentido dos termos usados em diferentes grupos étnicos acreditando que cada termo se associa a uma determinada matriz étnica (LOPES *apud* DIAS, 2014). No entanto, cada termo dentro dos elementos tradicionais ou ritualísticos, tem o seu significado, poder e finalidade. Por essa situação, não se pronuncia ou menciona qualquer palavra perante um ritual, levando em conta ao peso, o poder e finalidade da mesma.

Comparando isso como o nome do grupo étnico Mandjaku, vamos constatar que, o termo Manjaco não existe na mesma etnia, mas o que existe como mencionamos acima, é Mandjaku, pois nada significa Manjaco dentro do idioma dos Mandjakus.

Segundo Mendes & Virgínio (2017, p. 18), “[...] a palavra *Manjaco* foi traduzida por Quintino (1967, p. 873) como ‘eu disse` (Man=eu + Dja=disse + Co=partícula que reforça a afirmação)”. Esta tradução mostra claramente de que o termo Manjaco não existe, pois podemos perceber isso claramente na separação silábica. Normalmente, quando separamos sílabas, as letras das palavras não mudam, ou seja, não perdem morfemas, mas sim, são separados por hifens de acordo com os sons, mas diferentemente disso, podemos ver que na separação silábica do autor acima citado de que, a palavra **Manjaco** perdeu algumas alterações, sendo introduzidos novas letras ao longo da separação: de Man- ja- co para Man- dja- co. O autor decidiu alterar a grafia porque a segunda sílaba não faria sentido, ou seja, não teria nenhum significado em Mandjaku, pois não concordo com o significado atribuído ao termo pelo autor na tradução. O termo Mandjaku deriva de verbo dizer, um verbo muito usado pelos Mandjakus de Tam no momento de qualquer fala, e em qualquer lugar, ele pode ser usado. Este termo pode ser simples ou complexo (sagrado) dependendo do momento e o lugar do uso, pois ele significa- eu te digo/disse. No momento de cerimônias esse termo é muito usado no início de conversa em forma de autoridade e também para autorização dos espíritos.

*Uma vez que nas sociedades ágrafas, como é o caso do grupo étnico em questão, a palavra detém uma forte ligação com o homem e desempenha papel fundamental na tradição local (BÂ, 2010; FINNEGAN, 2012; ONG, 2012), para os **Khoisan**, o nome é a forma de diferenciação que determina os elementos do mundo físico (KEENEY, 2015). Logo, a mudança no nome de um elemento da natureza resulta em uma interferência na essência do próprio elemento. Justamente por não terem a escrita como centro de sua expressividade, para estes povos, a palavra está intrinsecamente conectada ao som e ao significado (ONG, 2012). Consequentemente, ela está no cerne da tradição oral, uma prática cultural essencial aos modos de vida destes povos. Nesse sentido, a questão da denominação correta também detém grande valor ético na pesquisa acadêmica sobre esses grupos, uma vez que nessas sociedades a palavra, enquanto forma de designação, possui um valor cultural profundo e distinto do atribuído pela cultura ocidental. (CALDERON E SILVARES, 2020, P. 50).*

Em muitas sociedades orais africanas, criam-se lugares destinados especificamente para encontros em que são partilhados diferentes conhecimentos e outras coisas da vida cotidiana, também são apresentados diferentes problemas e em consequência, procura-se achar uma solução para todos os problemas apresentados. Este espaço é feito de forma circular, coberto de

palha com um espaço para colocar a fogueira durante os encontros dos homens no mesmo lugar para debater os assuntos de interesses coletivos e de interesses particulares apresentados durante encontros. As apresentações de problemas são feitas por meio da fala e não por meio de uma carta escrita. São trocadas experiências, ideias e impressão entre homens, onde eles se entregam com grande prazer e harmonia explicando tudo pela fala durante os encontros (KAVAIA *apud* DIAS, 2014). Tendo em conta a grande similaridade das culturas africanas, dá para acreditar que, isso mostra o lugar ocupado pela oralidade no continente africano, principalmente as sociedades da tradição oral. Desta forma, isto quer dizer que a tradição oral tem quase a mesma lógica dentro destas sociedades.

Os Mandjakus de Tam têm semelhanças com os Balantas (um grupo étnico da Guiné-Bissau) em certas questões, como por exemplo, a posição dos anciãos nos assuntos tradicionais, principalmente no seu papel na resolução de problemas e, por terem a oralidade como principal veículo transportador e transmissor de conhecimentos dos ancestrais para outros além do uso dela na resolução de conflitos ou impasses sociais. Contudo, existem outros grupos mais próximos dos Mandjakus.

A maior parte dos habitantes da região de Cacheu são Mandjakus, embora tenha forte presença dos Balantas e outros grupos étnicos minoritários, os Mandjakus são majoritários na região. Portanto, o espaço guineense é cheio da diversidade cultural, o que representa uma das riquezas do país (JESUS, 2018).

*A discussão acerca da oralidade em África deve remontar, por princípio, uma questão de base, que se refere especificamente a como as ciências humanas se posicionam e se posicionaram diante das condições de produção e transmissão do conhecimento no continente africano. Há pelo menos um século que inúmeros esforços vêm sendo empreendidos para alterar definitivamente a lógica eurocêntrica, que relegava a uma parcela substancial do conhecimento africano o estatuto de não existente, baseada numa obscura justificativa de que seu suporte de produção e transmissão não era predominantemente material e visual, se tomarmos comparativamente toda a extensão do continente (ROCHA; SILVA e SOUZA, p. 95).*

Existem subgrupos dos Mandjakus, entre estes existe muita semelhança linguística e cultural. Essas semelhanças reúnem esses grupos em um grande grupo étnico (Mandjakus). Além desses grupos, existe outros grupos que se assemelham aos Mandjakus, sobretudo quando se trata de cultura, língua e organização social. Apesar dessas semelhanças, esses últimos são reconhecidos como etnias diferentes dos Mandjakus, como no caso dos *Pepelis* e *Mancanh*

(CARDOSO, 2003 *apud* JESUS, 2018). Na Guiné-Bissau, é muito comum as pessoas confundirem os grupos étnicos na fala, principalmente quando esse indivíduo não pertence a um dos grupos dos falantes.

Entre nós Mandjaku, conseguimos identificar o grupo dos Mandjakus a que pertence o nosso interlocutor através do sotaque e alguns vocabulários incomuns entre nossos grupos. Eu sou Mandjaku de Tam, mas consigo comunicar com outros Mandjakus com toda facilidade devido ao domínio da língua, mas tem Mandjakus que quando falam tenho que prestar muita atenção para entender o que dizem, e outros, entendo pouca coisa. No caso dos *Pepelis*, nós chamamos vários objetos quase da mesma forma, a diferença é pequena; quando os *Pepelis* e *Mancah* falam, faço ideia sobre o assunto, assim vice-versa.

*‘O administrador J. Basso Marques faz um estudo comparativo de linguística no texto intitulado Alguns aspetos da semelhança da língua dos papéis, manjacos e brames ‘grupos étnicos’ diferentes, em que ressalta aspectos culturais e linguísticos, concluindo que esses três grupos possuem uma ‘origem comum’ e que em um passado não distante não constituíram ‘etnias’ distintas, mas sim compunham um mesmo grande grupo. (Marques, apud Jesus, 2018, p. 19).*

A escrita nunca antecede a oralidade, isso é uma realidade desde muito tempo. Quando não havia escrita, as bibliotecas eram os homens, pois antes de colocar uma ideia no papel, o autor ou escritor precisa primeiramente estabelecer um diálogo consigo mesmo para decidir como e o que escrever. Quando um homem escreve, ele normalmente tem que recordar os factos como lhe foram narrados, se estes factos forem por experiência própria, sempre precisará de escrever tal como ele narra os mesmos (BÂ, 2010).

Dentro desta dinâmica, constata-se a importância que a oralidade tem dentro de cada sociedade e principalmente as sociedades africanas da mesma tradição. Bâ não concorda que um povo sem a escrita fosse um povo sem a cultura, por isso que ele mostrou que antes de uma pessoa escrever sobre um assunto, o mesmo é narrado antes do momento exato para escrever (Bâ, 2010).

Além disso, podemos ver ainda que em muitas situações, a escrita depende da oralidade, quer na Europa, quer em África, quer dentro de cada etnia cuja tradição oral como principal meio utilizado nos rituais, nas comunicações e nas produções.

Segundo o que explica Maziero (2018), no início da publicação de narrativas de tradição oral no Brasil dos contos de fadas e outros que são destinados ao público infantil brasileiro do

final do século XIX e início do XX, são narrativas provenientes da oralidade, ou seja, as narrativas criadas e escritas nos livros infantis brasileiros são narrativas que circularam da oralidade para forma escrita. Ao longo desse processo, de certo modo, a figura de contadora de história é substituída pela figura do escritor/adaptador, formando uma quantidade de público leitor infantil, que passa de certa forma, a ter contato com as narrativas sobre a tradição através de livros e não mais apenas por oralidade.

Dando a continuidade nesta relação, podemos também ver que para Vansina (2010), a oralidade é muito importante para uma sociedade, pois nas sociedades das civilizações orais, ela é reconhecida não apenas como um meio utilizado diariamente para as simples comunicações enquanto seres humanos, mas é também um meio utilizado pelas sociedades da mesma tradição como elemento fundamental e principal para preservação de conhecimentos dos ancestrais, que se encontra venerado no que ele chamado de elocuições chave, isto é, a tradição oral.

Entretanto, a oralidade não preserva os conhecimentos dos ancestrais apenas num determinado espaço, mas sim, ela consegue preparar a pessoa capaz de levar este conhecimento com ele e preservá-lo por muito tempo e se possível até a morte. Seja por onde for, uma pessoa tradicionalmente formada, procura preservar certa parte desta tradição transmitindo-a para os outros com o mesmo direito e privilégio.

Continuando a pensar sobre esta situação, ou seja, analisar a capacidade que a tradição oral contém para transmitir e preservar os costumes, segundo autores acima citados e outros, interessa-nos apresentar também que algumas etnias conseguiram influenciar fortemente em outras culturas, principalmente dos países das Américas que conseguiram se relacionar e conviver com os africanos vindos de diferentes lugares da África para cumprir o regime escravocrata que durou muito tempo. Esses africanos colocados numa emigração forçada, aproveitaram espalhar os seus costumes e saberes, mesmo quando estiveram perante um sistema escravocrata na condição de escravizados (FILHO E ALVES, 2020). Perante esta situação, dá para perceber que cada sociedade oral africana usa a oralidade desde cedo no sentido também de prever o futuro dos seus formandos, ensinado e aconselhando-os oralmente.

*A maior parte dessas culturas possivelmente possuem uma ancestralidade comum, tendo em vista semelhança que observamos em muitas delas, daqueles elementos comumente identificados como 'africanos', quais sejam: a forte ligação com o mundo espiritual, a não dissociação de elementos materiais e imateriais e uma ênfase na comunidade, muito mais que no*

*indivíduo. Não se trata de reduzir as sociedades africanas a um “lugar-comum”, como feito pelos discursos colonialista, mas de realçar elementos endógenos singulares do saber e saber-fazer que são em algum nível, compartilhados por diversos grupos originários do continente (Jesus, 2018, p.26).*

As crianças brasileiras que são pertencentes às classes privilegiadas, durante a segunda metade do século XIX tiveram acesso às histórias da tradição oral contadas por contadores e responsáveis pelas crianças. Neste caso, refere-se às amas negra e avós que durante muito tempo ao serviço da classe privilegiada, transmitiram muitos conhecimento e costumes da sua tradição nestas crianças. Além destas crianças, as outras passaram a ter acesso a esses tipos de narrativas, só mais tarde a partir de obras escritas publicadas em Portugal e em outros países como França e Inglaterra (DORNTON *apud* MAZIERO, 2018). Através dessa pequena narrativa, esclareceu-se que as amas que cuidavam das crianças da elite transmitiam, ou seja, cuidavam destas crianças da mesma forma que se cuida em África e principalmente pelas sociedades Africanas da tradição oral, como caso dos Mandjakus de Tam.

Dentro da tradição oral africana, não há tanta diferença em certos atos ritualísticos e na educação. Quanto a este assunto, podemos ver que nos conselhos comunais, os processos de comunicação se realizam por meio de diálogo como forma mais adequada e privilegiada de produzir conhecimentos e propagá-los como elemento importante que os consegue identificar e fortalecer enquanto grupo. Isso não é algo que acontece ou sistema usado por único povo, mas sim, por muitas civilizações africanas da oralidade (DIAS, 2014).

Quando utilizamos o termo “tradição” e “modernidade” devemos levar em conta, duas coisas principais. Primeiramente, devemos saber de que a “tradição” não é a definição daquilo que é velho, antigo e muito menos estático. Os saberes são transmissíveis, por oralidade, sendo possível a reelaboração nos diferentes contextos. Os saberes oralmente transmitidos são característicos de muitas culturas africanas (JESUS, 2018). Portanto, não devemos utilizar esses termos para menosprezar os conhecimentos denominados tradicionais. Conheço um colega que decidiu retirar o termo educação tradicional, alegando que se não o fizesse, o trabalho dele seria menosprezado, por isso que é preciso evitar das interpretações superficiais.

Continuando, podemos ver que nas escolas da iniciação dos Mandjakus, os rapazes são reclusos para uma formação que é da responsabilidade das escolas de formação tradicional (lugares para os rituais) que se localizam distante das casas dos formandos. É sempre promovida uma formação geral em que cada um dos formandos é capaz, depois da formação, de conhecer o seu direito e o seu dever dentro de comunidades; os formandos são capacitados sobre as

questões que envolvem quase tudo das suas comunidades, já que são permitidas para idade deles.

Neste caso, eles aprendem sobre a tradição, a religião, e a ética comunitária, que visa fornecer-lhes o modo de se comportar e respeitar todas as diferenças dentro da comunidade, quer pela idade quer pelo sexo quer pela função social ou estrutura física. Estas escolas são fundamentais para a conduta da vida de cada elemento da comunidade oral, porque são ensinados os conhecimentos deixados pelos ancestrais para todos enquanto membros da comunidade (CAVAYA, *apud* DIAS). Portanto, a oralidade é muito usada nos rituais da iniciação.

A circuncisão e outras iniciações são coisas diferentes para Mandjakus; ambos se influenciam, mas têm pesos diferentes dentro da nossa cultura. Um dos rituais de iniciação mais conhecido dos Mandjakus é “*Baniurutch*”, esse ritual não é feito nas crianças, é para jovens novos, ou seja, serve de passagem de um adolescente para fazer adulta, na qual ele aprofunda o conhecimento sobre a vida comunal, diferentemente da circuncisão que é feita nas crianças.

Antes de uma pessoa chegar a idade de participar de *Baniurutch*, deve passar pela circuncisão, onde aprende sobre o que lhe diferencia das meninas e quais devem ser atitudes dele na comunidade perante cada situação. Após a circuncisão, o comportamento de crianças muda em relação às mães, porque é o momento em que se encontra neles os novos conhecimentos, coletivos ligados à comunidade, além do que ele já tinha aprendido com a mãe, pai ou irmão em casa.

*A cerimónia de iniciação de manjaco de Canhob se chama 'Baniurutch', o ritual é realizado com jovens entre de 18 a 21 anos. O 'fanado' no grupo é realizado na idade de 05 a 09 anos, nesta idade, as crianças masculinas são levadas para mata a serem circuncisadas. Mas ultimamente os pais estão iniciando os filhos cada vez mais cedo e nos hospitais (Mendes, 2017, p. 30).*

Eu particularmente, enquanto Mandjaku de Tam, não considero o *fanado* realizado no hospital como uma iniciação igual à dos Mandjakus, pois esse ritual é feito em coletivo na nossa tabanca, e o lugar é totalmente diferente do hospital. No ritual de iniciação- *fanado* dos Mandjakus, não basta realizar o ato, mas existem outras coisas mais importantes. Nesse ritual, o conjunto de conhecimentos que os circuncisados tomam de forma oral transmitidos dos responsáveis pela circuncisão, é muito importante para a vida deles, pois são esses conhecimentos que os guiam e os distinguem dos que se passaram por simples circuncisão nos

hospitais. Após a conclusão do processo na mata, os circuncidados são capazes de fazer leitura facial “*cunsi udju*”, diferentemente dos que a fazem nos hospitais.

De acordo com Mendes (2017, p. 30), “durante esses rituais os jovens reiniciados ficam um período na floresta ou na mata, no cumprimento de uma série de cerimónias [...], mas para manjacos de Canhob o grupo desta pesquisa, a cerimónia de iniciação não é fanada”.

Perante esta situação ao meu ponto de vista, é preciso entender o que define a iniciação para essa comunidade, porque para mim enquanto Mandjaku de Tam, entendo que a iniciação mais importante é “*Baniurutch*”, mas isso não significa e nem quer dizer que os outros rituais como no caso da circuncisão estejam fora dos rituais da iniciação. Na verdade, existem outros encontros dentro da comunidade que não podem ser considerados da iniciação, mas existem também muitos que só acontecem na iniciação.

Cada indivíduo tem o seu ponto de vista, mas quando pensamos sobre o que é ensinado oralmente durante “*o fanado*”, comparando com o que faz os *baniuruth*, facilmente podemos concluir que se trata de uma iniciação.

Embora o fanado seja diferente da iniciação central destinada aos novos adultos, (*Baniurutch*), isso não lhe tira a qualidade de ser um ritual iniciador. Eu aprendi com meu pai sobre o que o fanado de seguinte maneira: no dia em que o meu pai pretendeu me levar para o ato de *fanado*/circuncisão, eu nem imaginava que seria naquele dia. Quando ele me chamou para sair com ele, levou materiais necessários e fomos nós dois mais um profissional do ato. Quando chegamos a mata, realizamos tudo, e só depois que me explicou o significado e os cuidados que devo tomar, e foi o momento em que conheci os medicamentos tradicionais para tal tratamento. Quero dizer com isso de que qualquer ensinamento restrito a um género específico ou a fase etária é iniciação.

A oralidade tem grande importância para sociedades africanas além do que muitos imaginam, pois ela é fundamental para busca do melhor caminho para a vida comunal como acontece nos lugares socioculturais. Um espaço ou centro comunal é o centro de vida comunitária em África para os tradicionais. Ela é a assembleia dos homens, onde também são realizadas atividades secretas nas quais as mulheres não participam e nem todo homem pode participar de tudo, as intervenções delas são possíveis só quando o marido de qualquer uma participa da assembleia, neste caso, a mulher só participa indiretamente através da comida que prepara para que seja partilhada na reunião.

Através da oralidade nesses centros, são discutidos assuntos de diferentes naturezas sobre a comunidade, cujo mediador uma pessoa indicada pelo sistema ritualístico, nesta altura, a fala é usada de diferente forma para expressar os sentimentos que podem ser por meio de palavra cântico, palavra música e palavra provérbio (CAVAYA *apud* DIAS 2014). Entretanto, a fala é usada de diferentes formas para elas ou diferentes finalidades até mesmo para transmitir certos saberes aos outros.

Através da troca de fala e escuta, os africanos conseguiram construir e transmitir os seus saberes para crianças e adolescentes que mais tarde transmitiram também para as novas gerações, assim sucessivamente até o ponto de eles conseguiram espalhar esses saberes por além da comunidade de modo que estes conhecimentos já não são restritos apenas ao continente africano (FILHO E ALVES, 2020). A partir do momento em que este conhecimento se encontra dentro de diferentes partes do mundo, deu a grande oportunidade ao surgimento de grandes contos escritos.

Segundo esclarece Dornton *apud* Maziero (2018), na lista de contos franceses, a maioria desses contos foram recolhidos por escrita entre 1870 e 1914 durante o período considerado como a idade de Ouro da pesquisa ligada aos contos populares. Para tal efeito, os narradores não foram outras figuras além dos camponeses que as aprenderam com os seus mais velhos há muito tempo, antes da força da alfabetização. Neste caso, a literatura da produção oral para a escrita, teve o seu início em 1697, quando conseguiram publicar em Paris a obra denominada *contes de ma mère l'Oye, ou contos da Mamãe Gansa*, esta obra pertence ao Charles Perreult, e é composto por contos da tradição recolhida da cultura dos camponeses. Entretanto, a oralidade e a escrita tiveram grande relação, pelo contrário do que muitas pessoas podem pensar, a escrita depende muito da oralidade. Enfim, só a oralidade é suficiente para transmitir e preservar a cultura de uma etnia na educação de crianças e adolescentes. Dito isso, sem descartar a grande importância que a escrita também tem para qualquer comunidade.

## **6.2 O comportamento do aprendiz ao longo do Ensino Tradicional Oral**

O ensino moderno apresenta grandes variações nos métodos do ensino, se diferenciando dos métodos utilizados na tradição oral africana. Prestar muita atenção e observar são métodos que um aprendiz utiliza para adquirir conhecimento através do seu mestre, não são permitidas as perguntas em qualquer circunstância, pois apenas o aprendiz observa e imita ao seu mestre

guardando o que ele faz. Esta fase é considerada muda, sempre o aprendiz fica calado observando com toda atenção enquanto o mestre pratica. Já na fase mais avançada, fase oral do aprendiz, o mestre transmite tudo ao seu aluno corrigindo-o quando for necessário até ele se aperfeiçoar. Após o aluno aperfeiçoar, ele espera por uma cerimônia (formatura) para que possa ser declarada oralmente independente no trabalho ou a função que tinha aprendido com o seu mestre (HAMPATÉ BÂ, 2019). Perante esta situação, o novo profissional carrega consigo os conhecimentos dos ancestrais. Este sistema é usado dentro de diferentes povos da mesma tradição, ou seja, as sociedades africanas da tradição oral, usam este método para educar as crianças e adolescentes, pois para ser um profissional de uma determinada área, geralmente, a pessoa começa a aprender desde criança e, na adolescência, é considerada a fase de aperfeiçoamento em que o indivíduo torna capaz de transmitir também aos outros.

Através dos Iorubá e Afro-Brasileiros, foi construído uma literatura oral cheia de saberes capazes de revelar diferentes conhecimentos dos ancestrais e de diferentes conhecimentos dos mais velhos, através de palavra falada para contar as histórias através das quais foram criados. Neste caso, refere-se aos variados contos que os permitia expressar e recordar de diferentes ensinamentos como no caso da criação do mundo assim como no caso também da existência humana. Este assunto é comum para as sociedades africanas da tradição oral. O povo Afro-Brasileiro neste caso, não ficou de fora sendo citado em dado momento como a forma de reconhecer a herança que o povo originário da África compartilhou com ele por causa do deslocamento forçado para diferentes lugares dos novos mundos por volta do século XVI (FILHO E ALVES, 2020). Com isso, a oralidade continua sendo usada em diferentes assuntos para diferentes objetivos. As crianças e adolescentes aprendem perfeitamente a língua para não sofrerem a influência de outras línguas capazes de distorcer alguma realidade dentro da tradição. Sobre esta situação, podemos ver que durante o período colonial, a linguagem foi usada tanto para colonizar assim como para afastar o povo colonizado do colonizador, perante isso, o colonizador foi sempre afastado das decisões que foram tomadas. Este momento serviu também para separar os que sabem dos que não sabem (FANON *apud* NENEVÉ, 2009). Entretanto, pode-se considerar que a cultura se encontra também presente na língua tradicional que se manifesta pela fala.

Aprender uma outra língua fora da língua tradicional, como no caso da língua culta, língua inglesa, teria o mesmo significado ou seria também esquecer o passado, a história, as crenças e também esquecer as heranças culturais do seu povo (NENEVÉ, 2009).

*Toda a diferença entre a educação moderna e a tradição oral encontra-se aí. Aquilo que se aprende na escola ocidental, por mais útil que seja, nem sempre é vivido, enquanto o conhecimento herdado da tradição oral encarna-se na totalidade do ser. Os instrumentos ou as ferramentas de um ofício materializam as palavras sagradas; o contato do aprendiz com o ofício o obriga a viver a palavra a cada gesto (BÁ, 2010 p. 189).*

O conceito da oralidade nos oferece a oportunidade de entender que ele enquanto um conceito muito importante para as sociedades orais africanas e a ancestralidade no mesmo continente, são primordiais e fazem parte de um importante legado cultural, suscitando grande influência junto do seu povo e descendentes. A voz era o elemento principal naquela altura para manter e garantir um grande fortalecimento para a mesma tradição dos ancestrais. Assim, é importante ressaltar que a oralidade não foi dominante na tradição africana pela agência dos registros escritos, mas sim, por ser um elemento importante e integrante na consolidação do sistema que permite difundir o conhecimento dos antepassados que são de muita importância e fundamental para estas sociedades, enquanto elas continuam seguindo as orientações dos seus antepassados (FILHO E ALVES, 2020).

Entretanto, a língua original deste povo serve mais que outra no que diz respeito a partilha e conservação dos saberes. Além disso, permite o aprendiz conhecer todos os elementos fundamentais da sua cultura através do domínio do próprio idioma pelo seu uso diário na comunidade e nas aulas com o seu mestre.

A língua culta, sinceramente, reflete somente a história e a cultura dos povos privilegiados. Perante isso, dá-se para perceber que a colonização não é só uma questão da violência física, mas também, entra como elemento subjugador psicológico ou espiritual, propagando e achar a cultura do colonizador melhor que a do colonizado, por ele usar a sua norma culta e desprezando toda cultura do colonizado. Esta prática foi uma grande devastação da cultura de um povo humilde, educado e poderoso. Perante isso, acredita-se que a linguagem é um elemento capaz de contribuir grandemente para descolonizar, recuperar e repensar muitos valores e crenças que até hoje em dia se encontram negligenciados (NENEVÉ, 2009).

### **6.3 O poder da fala e adequação dos termos nos rituais e nas pesquisas**

Dentro da tradição oral africana, a palavra não é simples ruído produzido pelo ser humano. Além do que se imagina, ela tem a capacidade de criar as coisas além de servir como elemento significador. Dentro da mesma tradição, cada nome é uma coisa, não existe a palavra

vazia dentro da tradição oral africana, pois dizer é igual a fazer. Nem todas as questões dentro da tradição oral africana precisam de atuação física humana para que algo aconteça ou seja realizado, assim, nos rituais, cada palavra é usada com toda atenção (VANSINA, 2010). Por isso que quando se faz a pesquisa, é preciso muita atenção com as questões a colocar a cada indivíduo na comunidade dependendo da sua função social e a sua posição.

Na cultura dos Mandjakus, a educação é a tarefa feita por toda comunidade de forma oral (uso de fala), principalmente dos mais velhos, que se juntam incansavelmente para educar as crianças e adolescente, não só, mas também se reúnem com adultos para lhes lembrar das regras e do sagrado, quando necessário. Isso acontece principalmente quando um membro da comunidade volta de uma viagem de longa duração. Isso é feito primeiramente na casa dos familiares, onde aproveitam informar aos espíritos (guardas/ancestrais) da família, da chegada do membro que tinha viajado; esses espíritos são nesse momento agradecidos e pedidos que continuem a proteger esse membro.

No segundo momento, a comunidade é informada sobre a chegada do mesmo, começando por mais velho até os colegas do reintegrado. Caso ele seja iniciado, os colegas pensam logo quando poderão passar pelos lugares sagrados da iniciação para também agradecer e pedir a continuidade dos espíritos em proteger o colega/irmão, e aproveitam se divertirem dos assuntos sagrados para que ele possa se lembrar de tudo sobre o que pode, o que não pode ou deve fazer.

A título de exemplo, trago a história da pesquisadora Irina Mendes, Mandjaku de Kanhuab, uma tabanca a frente de Tam. É de salientar que nos subgrupos dos Mandjakus, o nome do grupo e da tabanca são mesmo. Os Mandjakus de Tam (nome do grupo) são da Tabanca de Tam e os Mandjakus de *Kanhuab* (nome do grupo), a tabanca deles é *Kanhuab*.

A Irina Mendes pretendeu fazer uma pesquisa do campo para elaboração do trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em antropologia da Universidade Federa do Rio Grande do Sul em 2017, ela decidiu pesquisar sobre a prática do *ucó*: cosmo-ontologia Mandjaku sobre materialização do corpo na diversidade corporal. Assim, ela foi para Canhuab para realizar a sua pesquisa. Quando chegou, deparou com algumas dificuldades, porque passou sete anos fora da comunidade, por isso, ela disse:

*Eu era uma raiz solta daquela árvore que tinha que ser remanejada e auxiliada a prosperar, a fim de deixá-la cheia de frutas. As frutas só viriam com uma reaproximação desta comunidade, o que incluía as metodologias,*

*os ritos de passagem, os costumes, as crenças e as técnicas apresentadas pela minha mãe e conduzidas por mim, no terreno. (Mendes, 2017, p.14).*

A autora percebeu logo ao princípio de que ela precisaria de uma orientação para o seu enquadramento na comunidade para que pudesse conseguir dados para o trabalho dela. Assim, resolveu explicar a sua mãe sobre o que queria saber de algumas pessoas da comunidade, a mãe indicou a ela algumas pessoas, incluindo a Dona Joana, natural de Tam- tabanca onde pretendo fazer a minha pesquisa, lembrando que a Irina fez a sua pesquisa em Kanhuab tabanca vizinha de Tam. A Joana foi para Kanhuab quando se casou com o primeiro marido dela que já tinha falecido quando a Irina chegou. Mas naquela altura, ela estava com o seu novo marido- que é o irmão mais novo do primeiro marido, (algo comum entre os Mandjakus). Antes de a Irina iniciar as suas entrevistas, a mãe a instruiu conforme explica:

*Era uma sexta-feira, acompanhada da minha mãe e a minha irmã mais velha, numa tarde quente de estação seca, nessa ocasião, minha mãe me conduzia na etnografia, sobre os procedimentos de pesquisa na comunidade manjaco. Ela me guiava em questões importantes como, por exemplo: como devo conduzir minha pesquisa? Que instituição seria interessante de eu percorrer? Que pessoas entrevistar? Quem são essas pessoas? Como abordá-las? Como percorrer suas histórias? Qual o melhor horário e quais os dias mais adequados para realizar a etnografia? Quais os significados de todos os ritos? Quais rituais devo/posso participar? Quais as normas sociais em jogo? Todo esse conhecimento que minha mãe me passou, faz parte do que podemos chamar de cultura Manjaca, além disso, a forma como me é uma forma de educar os (as) filhos (as), mesmo sendo adultos. Era uma espécie de rito de passagem. Naquela comunidade, em que a educação é tarefa de toda comunidade (sobretudo dos mais velhos). (Mendes, Irina, 2017, p.14)*

Antes de Irina iniciar a pesquisa dela, a mãe tinha que orientá-la muito sobre as questões e os métodos que deve utilizar para não violar as leis estabelecidas na comunidade (o sagrado). Era a responsabilidade da mãe orientá-la, pois caso ela cometesse algum erro, a vergonha e a consequência recairiam sobre ambas. Apesar de orientações acima descritas, a mãe não confiou deixá-la ir sozinha para realizar entrevistas, por isso, resolveu ir com ela para entrevistar as primeiras pessoas até ela compreender. Começaram as entrevistas pela Joana, mas logo que iniciaram a conversa, a Joana lançou vários questionários a ela acerca do interesse pelo assunto:

*Por que você pergunta as coisas que já passaram? Outra coisa, por que você pergunta coisas que a sua mãe já sabe? Ela sabe tanto quanto eu, apesar de eu ser mais velha! Por que é que precisas que lhe conte as coisas que já passaram? Depois as pessoas vão pensar que eu é que sou mentirosa. Por que*

*é que não perguntas a sua família? Há pessoas mais velhas que eu na sua família, e outras são da minha idade, como a sua avó, que sabe tanto quanto eu, porque somos do mesmo grupo etário e sempre participamos das mesmas atividades de cerimônia (A entrevista realizada por Irina com dona Joana, 2017).*

Nesse momento, a Irina ficou sem saída, não sabia mais o que dizer, tinha só a vontade de pedir desculpa e ir embora desesperada. Foi nesse momento que a mãe dela interveio, explicando-a que a filha dela estava lá a fim de fazer o trabalho de campo para os estudos dela e que necessitava de lhe fazer alguma entrevista, comentando que ela também seria entrevistada depois, só assim que a Dona Joana aceitou dizer o que tinha acontecido.

Tendo em conta a estas informações, dá para ver também que a fala não surgiu de qualquer forma, ela é dom de Deus, portanto, ela é divina. A fala facilita o ser humano no seu dia a dia, mas ela também pode complicar o ser humano dependendo do uso, ela pode criar a paz assim como destruí-la, neste assunto, ela pode ser comparada ao fogo que usamos para o bem também pode ser usado para o mal. Além disso, ela é agente ativo da magia africana por ter a dupla função, como de conservar e destruir além de ser criador (BÂ, 2010). Entretanto, as línguas são muito importantes para preservação do conhecimento além de ser simples elemento de comunicação, por isso que a Irina enfatiza que

*As entrevistas foram de caráter etnográfico, e para obter todas as informações, valeu-nos a confiança com o grupo entrevistado, o conhecimento e domínio da língua local, sem os quais talvez não seria possível obter todos os dados minuciosamente, ainda se tratando de assuntos sobre Ucó [...] um assunto reservado aos mais velhos. (Mendes, Irina, 2017, p. 20).*

As línguas são um museu vivo que permite preservar a tradição, e, cada língua não é só uma criação mental simples, mas ela é um fenómeno social. Cada vocabulário dentro destas línguas reflete uma realidade forjada pela história do povo falante da mesma (KI-ZERBO, 2010). Por isso, para obter a informação de um Mandjaku, é preciso que ele confie muito em ti, pois o conhecimento tradicional não é passado para qualquer pessoa, por isso, durante algumas pesquisas que foram feitas na terra dos Mandjakus, houve muitas dificuldades, principalmente quando se fala dos pesquisadores que não foram bem conhecidos na comunidade e nem são Mandjakus

#### **6.4 A mentira abominada na oralidade: A importância da fala verdadeira na tradição oral**

Quando se fala da tradição oral africana, não se refere a qualquer tipo de fala, a fala tradicional é respeitosa e verdadeira. Ao longo do ritual, não se pode mentir, pois a mentira não tem lugar dentro da tradição. Mentir de qualquer forma, seria se separar de si mesmo, pois quando uma pessoa mente, automaticamente ela se separa do seu ser, ela não é a mesma pessoa, é preferível o mundo se separar de uma pessoa do que ela se separar dela mesma. A mentira é interdita a todos os intervenientes no ritual; quer família, quer mestre de faca, quer ferreiro entre outros, não devem mentir (BÂ, 2010). Entretanto a narrativa é usada para falar do dia a dia das comunidades, principalmente nas comunidades dos Mandjakus, para falar sobre dramas de vida.

Para tal narração, o narrador é responsável para selecionar os eventos do passado a referir ao longo da sua narração. Entre esses eventos, algumas são da existência concreta e outras são criadas para moralização da comunidade, principalmente para educar crianças e adolescentes. Nas narrativas criadas, sempre aparece nomes dos animais e seres que na realidade alguns existem e outros não, mas essas narrativas são carregadas de palavras que cativam as crianças e adolescentes a prestarem atenção naquilo que são ensinados. A criação das narrativas para finalidade da educação não é sinônimo da falsificação ou a mentira, pois essas narrativas são respeitadas como um instrumento didático para representar a realidade e colocá-la de forma mais simplificada a disposição de crianças e adolescentes, pois essas histórias contribuem para o bem da comunidade como a história abaixo que escutei dos meus pais há muitos anos, quando era criança.

Era no tempo de fome, quando um lobo e a sua grande amiga lebre ficaram sem ter nada de alimentar os filhos e esposas, todas famílias ficaram com muita fome que quase morriam. Um dia a lebre disse ao lobo- amigo, vamos procurar mel talvez nos consigamos segurar por algum tempo, o lobo aceitou a proposta e saíram à procura de mel.

Logo que partiram, o lobo levou muitos recipientes e os filhos mais velhos, mas a lebre foi sozinha da sua família. Continuaram a caminhada até ao encontro de dois caminhos, um limpo e outro sujo. A lebre disse ao lobo- vamos assim, o caminho limpo não pode nunca ter mel pois, as abelhas fazem as suas construções nos lugares um pouco escuro e com muitas árvores, mas o lobo não quis se meter na mata e disse a lebre- você pode continuar eu vou procurar aqui na berma da estrada. Assim, a lebre se meteu por um caminho difícil de se

caminhar, foi andando por alguma distância encontrou as abelhas e aproveitou tirar mel. O lobo continuou na estrada principal, percorrendo-se por vários quilómetros sem conseguir nada; quando voltou para casa, encontrou a lebre e família dela brincando de barrigas cheias. Ele perguntou a lebre- você conseguiu mel, a lebre o respondeu- sim eu consegui, pois não é muito distante. Assim, o lobo ficou arrependido de ter passeado pela estrada principal, querendo mel sem entrar dentro da floresta.

A boa coisa não se consegue dormindo ou brincando, nós precisamos trabalhar e ir ao encontro do que precisamos. O caminho para sucesso ou a felicidade no mundo, é um caminho difícil, conseguimos tudo por meio de trabalho. Estas histórias eram contadas sempre que nós nos reuníamos à noite com os mais velhos em casa, elas serviam como meio para nos consciencializar e nos deixar com a capacidade de interpretar. Muitas pessoas querem ser doutoras, mas não querem passar por percurso adequado. Estes tipos de pessoas são como lobo que tanto queria mel perambulando pela estrada principal com equipa completa e materiais sem querer trabalhar para tal.

Neste caso, eu acredito que essa história transmite um aspeto cultural muito importante- a educação moral. Através dessa estória, uma criança, um adolescente ou qualquer pessoa pode tomar a consciência de que, para conseguir sucesso é preciso trabalhar. Há um ditado que diz- depois da tempestade vem a bonança, isso quer dizer que, antes de sucesso vem o sacrifício. A educação é um aspecto muito importante no processo de socialização (cultura), por isso que essas estórias são muito importantes para Mandjakus de Tam.

Dentro das narrativas verdadeiras, ou seja, da existência concreta, são selecionados alguns fatos que aconteceram a tabanca ou comunidade no passado. Quando adolescentes são informadas sobre esses fatos passados, ficam atentos e vigilantes quando algo está tendo mesmos princípios daquilo que ouviram dos mais velhos.

Cada evento que acontece, a comunidade a interpreta de acordo com a sua crença, que para tal, é necessário o envolvimento de espíritos, e as almas dos antepassados. Essas histórias são passadas de geração para geração, como a forma de conhecer o passado, compreender o presente e se prevenir do futuro.

*A narrativa é a maneira comum de falar sobre os dramas da vida, e o narrador seleciona dois eventos 'reais,' aquilo que os une para comunicar sua interpretação dos eventos. Os dramas sociais da vida humana geram narrativas múltiplas, segundo os atores e suas interpretações do significado dos eventos. Assim, a narrativa envolve*

*uma sequência de eventos e uma seleção paradigmática ou metafórica par expressar um ponto de vista particular. As narrativas, além de fornecer interpretações sobre as causas dos eventos no passado, eles também fornecem os elementos para ordenar e entender os eventos atuais (Langdon, 2001, p. 2 apud Mendes, 2017, p 31).*

Entre essas narrativas, algumas são contadas em casa, ou em qualquer espaço público da comunidade, mas outras só podem ser contadas nos lugares da iniciação. Para moralizar os iniciados, os iniciadores contam algumas histórias passadas que tiveram consequências, sejam elas positivas ou negativas, ajudam os iniciados a compreenderem o motivo da alteração de qualquer lei ou método, para que possam se cuidar desde aquele momento, porque serão amanhã os iniciadores, ou seja, serão responsáveis para iniciação dos mais novos. Tudo isso mostra a importância da educação tradicional em transmitir conhecimentos para crianças e adolescentes que tomarão as decisões para a vida futura de qualquer comunidade oral. As pessoas são ensinadas a não mentir, pois cada um aprende a se autocontrolar ao usar a fala perante qualquer situação. As pessoas que passam por educação tradicional oral, aprendem também de que, não devem falar muito, pois falar pouco é sinal de boa educação e de nobreza. Eles aprendem e são capacitados para dominarem a manifestação das suas emoções de qualquer natureza ou sofrimento (BÂ, 2010).

Na vida dos africanos, pode se notar que tem um fator muito relevante, como no caso das comunidades orais, a grande ligação que têm com as religiões tradicionais africanas, que também se sustentaram por meio da tradição oral, contribui para as suas fidelidades já que levando em consideração a consequência de qualquer ato contra princípios (FILHO E ALVES, 2020). Entretanto, não se pode dizer qualquer palavra só pelo belo prazer.

A maior parte das sociedades tradicionais africanas não diferenciam a mentira da lepra, isso quer dizer que para estas sociedades a mentira teria o mesmo peso que a lepra tem para humanidade. Assim, quem falta a palavra, mata sua pessoa civil, religiosa e oculta. Isso é considerado como a separação do indivíduo com a sociedade independentemente de se separar de si, por isso, para estas sociedades, é melhor morrer do que mentir perante ritual. Quando o que uma pessoa pensa é diferente do que diz, rompe a unidade sagrada, reflexo da unidade cósmica, e cria a desarmonia dentro e fora de si (Bâ, 2010). Nesta situação, os ensinamentos orais não significam e nem querem dizer que a pessoa pode proferir qualquer palavra de qualquer maneira, mas sim, são proferidas quando necessário.

Os africanos que pertencem as sociedades da tradição oral, aprendem lições de vida, através das quais precisam sempre de se preocupar com os detalhes de cada fato antes de qualquer decisão e se esforçam bastante para não esquecerem ou perderem as suas riquezas imateriais. Através da fala, os filhos dos africanos da tradição oral conseguem perpetuar as suas culturas e manterem viva a tradição oral, permitindo que as suas histórias possam ser reveladas e conseguem ganhar espaço além das fronteiras (FILHO E ALVES, 2020). A história de povo africano deixou um grande marco graças à tradição oral, servindo como uma forma comum de propagar o seu legado.

Através da voz, os africanos conseguiram perpetuar a grande parte da sua cultura e ainda revelar ao mundo um conhecimento por eles produzido. As falas dos antepassados africanos são retratadas nos contos e lendas que também de certa forma expressam a forma como as mesmas são interpretadas. Através da oralidade. A cultura africana conseguiu passar a ter um registro nos livros além da transmissão de palavras e conseguiu se inserir na literatura pertencente ao seu povo, e já faz parte dos arquivos literários (FILHO E ALVES,2020). Portanto, antes de existir as bibliografias, o conhecimento já tinha existido.

## 7. METODOLOGIA

O objetivo geral desta pesquisa é de entender como a tradição oral contribui para a preservação da cultura étnica Mandjaku na educação de crianças e adolescentes de Tam. Levando em consideração a essa intenção, pretende-se utilizar seguinte metodologia: quanto aos procedimentos para investigar sobre o assunto, opta-se pela pesquisa bibliográfica, e de campo, para melhor consolidar informações a fim de atingir o objetivo.

Segundo Marconi e Lakatos (2010), uma pesquisa bibliográfica é aquela pesquisa elaborada por um pesquisador que usou como a base, os materiais já produzidos anteriormente por outros autores.

A pesquisa bibliográfica como primeiro passo, fornecerá informações básicas sobre o que já foi escrito por outros autores sobre o assunto, como uma das formas para melhor direcionar o trabalho.

De acordo com o que ensina Marconi e Lakatos (2011, p. 44), “a pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda a pesquisa científica.”

Portanto, nos primeiros momentos utilizar-se-á algumas bibliografias sobre a tradição oral, para saber o que outros autores já escreveram sobre a mesma tradição no continente africano, considerando que ela não é restrita aos Mandjakus de Tam.

Além dessas bibliografias, iremos fazer a pesquisa de campo em Tam, junto dos nossos pesquisados, procurando respostas para as nossas indagações.

Para Lakatos e Marconi (2010), a pesquisa de campo é aquela cujo objetivo de conseguir informações ou conhecimentos ligados ao problema da pesquisa. Ela procura uma resposta para comprovar sua hipótese e também de descobrir novos fenômenos junto dos pesquisados.

No campo, iremos aplicar entrevistas aos nossos pesquisados para reter, anotar e interpretar o que entendem deles, independentemente do nosso ponto de vista.

A sociedade proposta para pesquisa é uma sociedade em que as mesmas perguntas não poderão servir para todos entrevistados, devido a divisão estrutural da mesma, por isso que uma entrevista despadronizada seria mais adequada para aplicar nesse campo.

Segundo bem esclarece Marconi (1990 apud ANDRADE, 2010), a entrevista despadronizada ou não estruturada é realizada por uma conversação informal, sustentada através das perguntas abertas para permitir o entrevistado se sentir livre e mais a vontade de expressar.

Por outro lado, a continuidade da pesquisa exigirá um pouco mais de atenção, tendo em conta que, ainda não há informações completas no âmbito da ciência sobre a tradição oral, especificamente na etnia Mandjaku de Tam. Por essa razão, a pesquisa também será de objetivo exploratório.

Segundo Andrade (2010), as pesquisas exploratórias têm como objetivo de proporcionar maiores informações aos pesquisadores sobre determinada inquietação, oferecendo-lhes um novo enfoque para o trabalho que pretendem realizar.

Quanto a abordagem, utilizar-se-á a qualitativa, por se adequar mais ao assunto. Segundo Denzin e Lincoln (2010, p.16), “a pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais [...] artefatos; textos que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos”.

A pesquisa analisará um ponto de vista novo, para ampliar o conhecimento científico sobre o mesmo assunto e trazer as novidades, por isso que ela por objetivo é também explicativa.

Diante do expõe Gil (2010), as pesquisas explicativas procuram identificar fatores que contribuem de certa forma para ocorrência de fenômenos. Ela consegue aprofundar mais sobre o conhecimento da realidade e consegue explicar a razão das coisas.

Os materiais já produzidos sobre a oralidade em África, não são suficientes para esclarecer sobre a oralidade no processo de conservação da cultura étnica Mandjaku na educação de crianças e adolescentes de Tam, mas são muito importantes para os primeiros passos na descrição dessa sociedade, enquanto ela pertencente a África. De uma forma particular, há toda necessidade de descrever essa sociedade, por isso que a pesquisa, quanto ao seu objetivo será também descritiva.

Segundo bem esclarece Andrade (2010), as pesquisas descritivas são aquelas em que os fenômenos do mundo físico são estudados sem a manipulação do pesquisador. Ele observa, registra, analisa, classifica e interpreta simplesmente sem a sua interferência.

Nesta situação, descrever-se-á os fenômenos ou instrumentos usados na oralidade e a estrutura dos principais centros criados para encontros que são realizados de forma oral na comunidade.

Segundo Vansina (2010), A oralidade não seria outra coisa a não ser uma atitude diante da realidade. O uso dela não é, e nem significa a ausência de uma habilidade. Perante esta situação, o uso da oralidade nas entrevistas e demais diálogos com os nossos entrevistados será

uma boa atitude para alcançarmos o nosso objetivo.

Para uma abordagem densa e emaranhada dos assuntos tradicionais africanos, é necessário a interdisciplinaridade, pois nenhuma disciplina tem a capacidade suficiente para aquisição condigna e suficiente das informações (KI-ZERBO, 2010). Neste caso, é necessário a combinação das disciplinas para alcançar a vida económica, social e cultural em geral, deste povo.

De acordo com Bâ (2010), [...] a palavra falada se empossava, além de um valor moral fundamental, de um carácter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas.

Quando o pesquisador é de outro grupo étnico, ou branco, torna quase impossível obter informações, porque a fala é sagrada e, cada Mandjaku tradicionalmente educado saber o que pode falar e o que não pode, dependendo da postura ou carácter do seu interlocutor. Se esse for uma pessoa iniciada, não tem problema de eles conversarem profundamente, caso estejam sozinhos, porque outra pessoa que não passou por mesmo processo não deve ouvir o que falam, pois, alguns conhecimentos são restritos às pessoas de certa categoria social.

O que dificulta também muitos pesquisadores na terra dos Mandjakus é a língua, pois os Mandjakus gostam da pessoa que fala e pede o que precisa em Mandjaku, por isso que é muito fundamental fazer a sua pesquisa em Mandjaku e traduzir depois para outros idiomas. Perguntar sobre alguns assuntos em crioulo ou outra língua, seria mais difícil encontrar resposta, pois podem considerar isso a falta de respeito. Uma das coisas que não queremos descartar, é a questão familiar, em que os pais do pesquisador precisam ser pessoas conhecidas, ativas e respeitadas na comunidade. Sendo assim, estamos em condição de enfrentar este campo.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação** / Maria Margarida de Andrade. – 10. Ed. – São Paulo: atlas, 2010.

CALDERON, Elizabete Carolina Tenório; SILVARES, Lavínia. **Terminologias de denominação do chamado povo Bushman: cultura oral e tradição na África do Sul**. Revista do GEL, v. 17, n. 3, p. 46-63, 2020. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

DENZIN, Norman k. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens** / Norman k, Denzin, yvonna S. inncoln; tradução Sandra regina Netz. – Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, Paulo. **O lugar da fala: conversas entre o ondjango angolano e o jongo brasileiro**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 59 p. 329- 368, dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901x.v0i59p329-368>

FILHO, EDUALDO; ALVES, JANAINA. **A construção e difusão de conhecimento por meio de contos africanos: A tradição oral sobre a cosmologia ioruba**. Bahia: 2020

GIL, António Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa**/ António Carlos Gil. - 5.ed.- São Paulo: atlas, 2010.

JESUS, BERNARDO. **Manjacos da Guiné-Bissau: sobre discursos, cultura, saberes e tradições período colonial e pós-colonial**. Porto Alegre, 2018.

KI-ZERBO, J. (ed.). **Os métodos interdisciplinares utilizados nesta obra**. *In*: história geral da África, I: metodologia e pré-história da África. 2 ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório Publicações e trabalhos científicos** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 7. ed. – 6. Reimpr. – São Paulo: atlas, 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MAZIERO, MARIA. **Das contadoras de histórias ao escritor de livros para a infância: narrativa de tradição oral na literatura para crianças brasileiras na primeira república**. Revista devir educação, lavras, vol, n 1, p.68-82, jan, 2018.

MENDES, Virgínio Vicente. **Rituais de iniciação do povo manjaco da Guiné-Bissau: adivinho/napene e régulo/namantch**. São Francisco do conde, 2017.

MENDES, Irina. **A prática do ucó: cosmo-ontologia Mandjaco sobre materialização do corpo na diversidade corporal**. Porto Alegre – RS, 2018.

VANSINA, J. **A tradição oral e sua metodologia**. In: KI-ZERBO, J. (ed.). **História geral da África, I: metodologia e pré-história da África**. 2 ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.